

# A égide de Zeus, símbolo do valor guerreiro do deus

*The aegis of Zeus, symbol of the warrior value of the god*

**Alcione Lucena\***

**Resumo:** O escudo é a arma que, na indumentária guerreira, mais expressivamente representa a excelência de um herói. Tratando-se Zeus do primeiro herói, haja vista o seu processo de formação guerreira e o seu papel de general na guerra entre gregos e troianos, buscamos provar, neste artigo, através da identificação do caráter bélico de episódios dos quais a égide, escudo do deus, faz parte, a presença da força guerreira de Zeus, que é determinante para o estabelecimento do Cosmos pelo deus, que ocorreu também através da guerra.

**Abstract:** The shield is the weapon that, in warrior indument, most expressively represents the hero's excellence. Being Zeus the first hero, and considering his warrior formation process and his role as general of the war between Greeks and Trojans, we look forward to prove in this article, by the identification of warring character of episodes in which the aegis, the god's shield, takes part, the presence of the warring strength of Zeus. This strength is determinant to the establishment of the Cosmos, which occurred through war, as well.

**Palavras-chave:**

Grécia;  
Zeus;  
Herói;  
Escudo;  
Excelência;  
Guerreiro.

**Keywords:**

Greece;  
Zeus;  
Hero;  
Shield;  
Excellence;  
Warrior.

---

Recebido em: 28/07/2016  
Aprovado em: 07/09/2016

---

\* Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A égide (αἰγίς) é o escudo fabricado por Hefestos para Zeus (*Ilíada*, XV, 309-10), assim denominado por ser coberto com a pele de Amalteia (Hyginus, *De astronomia*, Liber II, 13, 4), cabra (αἴξ) que alimentou o deus durante a sua infância (Callimachus, *Hymn to Zeus*). Cronos, conhecendo o oráculo de Geia e de Uranos, o qual revela que um filho seu o destronará, tendo ele mesmo destronado o próprio pai, Uranos, engole as crias à medida que Reia, sua irmã e esposa, apresenta-lhe as crianças ao nascerem. Conseguindo livrar a mais nova, Zeus, desse fim, ela esconde-a no monte Ida de Creta, entre os Curetes – gênios cujas ruidosas danças guerreiras impediam que Cronos ouvisse o choro e os grunhidos da criança – sendo ele alimentado por mel das abelhas e pelo leite da cabra.<sup>1</sup>

Adulto, Zeus enfrenta os Titãs, com a ajuda dos Ciclopes e dos Hecatonquiros, e destrona Cronos, seu pai, impondo-se como deus maior após uma luta que dura dez anos, a Titanomaquia. Na *Ilíada*, Zeus é o grande general que comanda a guerra entre troianos e aqueus. Ele direciona não só as batalhas como também a participação dos demais deuses na luta entre os heróis, decidindo, ao pesar os destinos em sua balança, ou a favor dos troianos, ou a favor dos gregos. Essa ideia é ratificada pela presença constante do seu epíteto, αἰγίοχος, “aquele que porta a égide”, no decorrer da narrativa,<sup>2</sup> o que denota a sua função guerreira de herói, e, sobretudo, põe em evidência o papel do deus como o general por excelência.

A égide é símbolo do ímpeto guerreiro de Zeus, tendo em vista que o escudo é a arma mais importante da indumentária de um guerreiro. Ela põe em evidência mais fortemente a sua excelência. Nesse sentido, tomando essa ideia como fio condutor, façamos uma análise de cunho mais descritivo do que propriamente dissertativo, na *Ilíada*, na *Odisseia*, n’*O Escudo* e na *Eneida*, dos vários episódios em que o escudo do deus, usado, além dele mesmo, apenas por Apolo e por Atena, aparece, de modo a comprovar o caráter bélico da arma. Apesar de se tratar de poemas cujo contexto histórico no qual estão inseridos é distinto, pois os poemas homéricos datam do século VIII a. C., *O Escudo* também data do mesmo século, considerando que a sua autoria é atribuída a Hesíodo, e a *Eneida* foi escrita no século I a. C., a análise proposta repousa não no tempo histórico cronológico da narração, mas no tempo mítico da narrativa.

<sup>1</sup> Informações extraídas do material organizado por Evelyn-White, de fragmentos de Hesíodo e Homero que contém praticamente tudo o que resta da poesia épica pós-homérica.

<sup>2</sup> Homero. *Ilíada*. I, verso 202, verso 222; II, verso 157, verso 348, verso 375, verso 491, verso 598, verso 787; III, verso 426; V, verso 115, verso 396, verso 635, verso 693, verso 714, verso 733, verso 742, verso 815; VI, verso 420; VII, verso 60; VIII, verso 287, verso 352, verso 375, verso 384, verso 427; X, verso 278, verso 553; XI, verso 66; XII, verso 209; XIII, verso 825; XIV, verso 160, verso 252; XV, verso 175, verso 242, verso 379; XVII, verso 176; XXI, verso 420; XXII, verso 221. *Odisseia*. III, verso 42, verso 394; IV, verso 752, verso 762; V, verso 103, verso 137; VI, verso 105, verso 324; IX, verso 154; XIII, verso 252, verso 371; XVI, verso 320; XXIV, verso 164, verso 529, verso 547.

Na *Ilíada*, há vários momentos pontuados pela presença da égide. No Canto II, Agamêmnon encoraja os aqueus a lutar. Após sacrifício oferecido a Zeus pelo Atrida, Nestor o aconselha a não mais tardar o embate. Ele deve convocar a todos para o combate. Os arautos são enviados a fim de reunir os heróis para a luta. Com eles está Atena, segurando a égide de modo a insuflar ainda mais o ardor guerreiro:

οἱ δ' ἄμφ' Ἀτρεΐωνα διοτρεφέες βασιλῆες  
 θῦνον κρίνοντες, μετὰ δὲ γλαυκῶπις Ἀθήνη  
 αἰγίδ' ἔχουσ' ἐρίτιμον ἀγήρων ἀθανάτην τε,  
 τῆς ἑκατὸν θύσανοι παγχρύσει ἠερέθονται,  
 πάντες εὐπλεκέες, ἑκατόμβιοι δὲ ἕκαστος·  
 σὺν τῇ παιφάσσουσα διέσσυτο λαὸν Ἀχαιῶν  
 ὀτρύνουσ' ἰέναι· ἐν δὲ σθένος ὤρσεν ἑκάστω  
 καρδίῃ ἄλληκτον πολεμίζειν ἠδὲ μάχεσθαι.  
 (*Ilíada*, II, 445-52)

Os reis, nutridos por Zeus, em volta do Atrida, precipitavam-se, ordenando a tropa, com Atena de olhos glaucos erguendo a célebre, imperecível e imortal *égide*, da qual cem franjas todas em ouro pendem, todas bem trançadas, cada uma com o valor de cem bois. Com ela, resplendente, lança-se através do exército dos Aqueus, impelindo-o a seguir; e no coração de cada um, implacável força incita, para combater e lutar.

No Canto IV, após o combate singular entre Menelau e Páris, que quase é aniquilado, não fosse a intervenção de Afrodite – que o livra da morte, retirando-o das mãos do Atrida e envolvendo-o em uma neblina, levando-o em seguida para os braços de Helena – os teucros perjuram, quebrando o acordo estabelecido, que seria, caso Menelau vencesse a luta, ter de volta Helena e os tesouros por ela levados no momento que seguiu com Páris para Troia. Pândaro lança uma flecha, atingindo Menelau, que fora ferido de leve, graças à intervenção de Atena. Agamêmnon, após grande susto, percebe que o irmão está bem e, segurando a sua mão, refere-se ao juramento feito pelos dardânidas mediante as libações, os apertos de mão e o sangue das vítimas, animais sacrificados aos deuses, afirmando que não terá sido em vão, pois Zeus, no tempo devido, há de infligir-lhes grave punição, custando-lhes a própria vida. Neste momento, ele irá brandir a égide do alto do Olimpo contra eles. A referência à égide deixa claro que será através da guerra que esse castigo lhes será imputado, ratificando, desse modo, a função bélica do escudo do Cronida:

ἔσσειται ἡμαρ ὅτ' ἂν ποτ' ὀλώληι Ἴλιος ἱρῆ  
 καὶ Πριάμος καὶ λαὸς εὐμμελίω Πριάμοιο,  
 Ζεὺς δὲ σφι Κρονίδης ὑψίζυγος αἰθέρι ναίων  
 αὐτὸς ἐπισσειήσιν ἐρεμνὴν αἰγίδα πᾶσι  
 τῆσδ' ἀπάτης κοτέων· τὰ μὲν ἔσσειται οὐκ ἀτέλεστα  
 (*Ilíada*, IV, versos 164-168).

Dia existirá, quando Ílio sagrada há de perecer, e Príamo e o exército de Príamo, forte lanceiro; Zeus Cronida, máximo soberano, que no éter habita, há de agitar a negra égide contra eles todos, furioso pela traição; essas coisas não ficarão sem cumprimento.

No Canto V, os troianos, secundados por Ares, conseguem fazer os aqueus recuarem. Hera, percebendo que eles estão sucumbindo à investida dos argivos, convoca Atena a fim de ir, as duas, em seu auxílio. Nesse momento, a deusa prepara-se para a guerra, trajando-se adequadamente. Primeiramente, despe-se do peplo para em seguida vestir a couraça e empunhar as armas; dentre elas está a égide, cujo aspecto faz sentir todos os horrores da guerra. No meio do escudo está a cabeça da Górgona,<sup>3</sup> que, com seu poder aterrador, paralisa o inimigo:

ἦ δὲ χιτῶν ἔνδύσα Διὸς νεφεληγερέταο  
 τεύχεσιν ἔς πόλεμον θωρήσσετο δακρυόεντα.  
 ἀμφὶ δ' ἄρ' ὤμοισιν βάλετ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν  
 δεινήν, ἣν περὶ μὲν πάντῃ Φόβος ἔστεφάνωται,  
 ἐν δ' Ἔρις, ἐν δ' Ἀλκή, ἐν δὲ κρυόεσσα Ἴωκῆ,  
 ἐν δέ τε Γοργεῖη κεφαλὴ δεινοῖο πελώρου  
 δεινὴ τε σμερδνὴ τε, Διὸς τέρας αἰγιόχοιο  
 (Il., V, 736-743).

Ela, tendo vestido a túnica de Zeus ajuntador de nuvens, arma-se com as armas para a batalha lamentosa. Então, sobre os ombros lançou a *égide* franjada, terrível, que Medo envolve completamente; nela estão Discórdia, Violência, e gélida Perseguição; nela, terrível e assombrosa, prodígio de Zeus porta-égide, está a cabeça da Górgona, monstro terrível.

No Canto XV, Poseidon, contrariando as deliberações de Zeus, vai para o meio da pugna a fim de auxiliar os argivos, que se encontram em desvantagem em relação aos troianos. Ao perceber a presença do irmão ao lado dos aqueus, o Cronida envia Íris, a deusa mensageira, para adverti-lo a se retirar da guerra e voltar para o seu palácio. Em seguida, convoca Apolo para que vá ao encalço de Heitor e o ajude – pois ele fora combalido pelos argivos quando estavam sendo secundados por Poseidon – insuflando-lhe força e vigor, de modo a fazer os adversários recuarem até os navios, e partam em fuga através do Helesponto. Ordena, então, a Febo que leve a égide consigo e a sacuda, infligindo terror em todos: “ἀλλὰ σύ γ' ἐν χεῖρεσσι λάβ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν, τῆι μάλ' ἐπισσείων φοβέειν ἥρωας Ἀχαιοῦς· (Il., XV, versos 229-230): Pois, toma tu a *égide* franjada, nas mãos, sacudindo-a, para afugentar de medo os heróis Acaios.” Heitor, recuperado, retorna ao acampamento grego, tendo Apolo à frente do exército. Os argivos recuam para

<sup>3</sup> Atena dá a Perseu a incumbência de matar Medusa, uma das Górgonas. Após matá-la, o herói leva sua cabeça para a deusa, que a coloca na égide a fim de, nos combates, paralisar o inimigo.

os navios à medida que os teucros avançam. Heitor os comanda. Apolo, antecedendo-o, vibra a égide, que fora fabricada pelo deus artesão para incutir pavor nos homens:

Τρῶες δὲ προὔτυψαν ἀολλέες, ἦρχε δ' ἄρ' Ἴεκτωρ  
μακρὰ βιβὰς· πρόσθεν δὲ κί' αὐτοῦ Φοῖβος Ἀπόλλων  
εἰμένος ὤμοιιν νεφέλην, ἔχε δ' αἰγίδα θούριν  
δεινὴν ἀμφιδάσειαν ἀριπρεπέ', ἦν ἄρα χαλκεὺς  
Ἴφαιστος Διὶ δῶκε φορήμεναι ἐς φόβον ἀνδρῶν.  
(*Il.*, XV, versos 306-310)

Os Troianos precipitavam-se conjuntamente, e Heitor, avançando a passos largos, guiava-os. À sua frente, vai Febo Apolo, lançada uma nuvem sobre os ombros, sustém a *égide* impetuosa, terrível, toda franjada, notável, que Hefestos, o forjador, deu a Zeus para portar, para medo dos homens.

A luta se torna acirrada no acampamento grego, com vantagem para os troianos. O deus, sustentando a égide, continua no meio do combate, insuflando a guerra e o ardor guerreiro:

ἄφρα μὲν αἰγίδα χερσὶν ἔχ' ἀτρέμα Φοῖβος Ἀπόλλων,  
τόφρα μάλ' ἀμφοτέρων βέλε' ἤπτετο, πίπτε δὲ λαός  
(*Il.*, XV, 318-310).

Enquanto Febo Apolo sustentava a *égide* firme com as mãos, nesse ínterim, de ambos os lados, os dardos atingiam, e a multidão tombava.

Heitor incita os dardânidas a atravessar o fosso construído para proteção aos navios aqueus, advertindo-os para que deixem os espólios, sob a ameaça, caso alguém lhe desobedecesse, de ser morto e, sobretudo, de não receber os funerais. À frente de todos, envergando a égide, está Apolo, que facilmente desfaz a barreira, formando uma ponte, que serve de acesso aos teucros para os navios aqueus:

τῆι ῥ' οἷ γε προχέοντο φαλαγγηδόν, πρὸ δ' Ἀπόλλων  
αἰγίδ' ἔχων ἐρίτιμον· ἔρειπε δὲ τεῖχος Ἀχαιῶν  
ῥεῖα μάλ' [...]  
(*Il.*, XV, 360-62).

Pelo fosso eles avançam, em falange; Apolo, na frente, sustentando a célebre égide, derruba o muro dos Acaios muito facilmente [...].

A presença reiterante da égide nesse momento da narrativa denota uma gradação no nível de intensidade da pugna, cada vez mais ardorosa à medida que Heitor, secundado por Apolo, avança em direção aos navios dos dânaos. É possível perceber na tensão gerada por essa gradação o prenúncio para o cumprimento do destino de Heitor, morrer pelas mãos de Aquiles, a fim de lhe dar grande glória.

No Canto XVII, os heróis combatem ao redor do corpo de Pátrocles, que fora morto por Heitor. De um lado estão os aqueus, defendendo o corpo a fim de conseguir resgatá-lo e levá-lo ao acampamento para prestar-lhe as honras fúnebres. Do outro, estão os troianos, lutando para arrebatá-lo para dentro das muralhas de Troia, de modo a entregá-lo aos cães para ser comido, o que significa grande desgraça para um herói, haja vista condená-lo ao desaparecimento total por não ter o seu túmulo e honras fúnebres estabelecidos e, conseqüentemente, não ser lembrado pelas gerações vindouras. A vantagem no embate pende para os gregos; nesse momento, Apolo, sob a forma de Fenope, aliado dos troianos, instiga Heitor para a luta, que, revestido de bronze, avança para a frente da pugna. Zeus, do alto do monte Ida, agita a égide e faz retumbar grande estrondo, infundindo terror aos argivos:

καὶ τότε ἄρα Κρονίδης ἔλετ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν  
μαρμαρέην, Ἴδην δὲ κατὰ νεφέεσσι κάλυψεν,  
ἀστράψας δὲ μάλα μεγάλ' ἔκτυπε, τὴν δὲ τίναξε,  
νίκην δὲ Τρώεσσι δίδου, ἐφόβησε δ' Ἀχαιοῦς  
(Il., XVII, 593-596).

Então, naquele momento, o Cronida toma a *égide* franjada, resplandecente, e cobre o Ida com nuvens; tendo relampejado e ressoou muito fortemente, brandiu-a, dando a vitória aos Troianos; e amedrontou os Acaios.

No Canto XVIII, Aquiles, estando sem suas armas, pois foram espoliadas por Heitor ao matar Pátrocles, é advertido por Thétis, sua mãe, a não entrar na guerra antes que lhe trouxesse armas novas, fabricadas por Hefestos. No entanto, o corpo de Pátrocles está sendo disputado entre os argivos e os troianos, correndo o risco de ser arrastado para dentro das muralhas de Troia e lá servir de pasto para os cães. Íris, deusa mensageira, aconselha Aquiles a pelo menos aparecer junto ao fosso, mesmo desarmado, de modo a infundir medo nos dardânidas, fazendo-os recuar, e assim dar um novo alento aos dânaos. A deusa põe-lhe a égide ao redor das espáduas e cobre sua cabeça com nuvem de ouro, para que o herói reluza diante dos adversários, imputando-lhes terror:

αὐτὰρ Ἀχιλλεὺς ὦρτο Διὶ φίλος· ἀμφὶ δ' Ἀθήνη  
ὤμοις ἰφθίμοισι βάλ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν,  
ἀμφὶ δὲ οἱ κεφαλῆι νέφος ἔστεφε διὰ θεᾶων  
χρύσειον, ἐκ δ' αὐτοῦ δαίε φλόγα παμφανώωσαν  
(Il., XVIII, 203-206).

Mas Aquiles, caro a Zeus, ergue-se; em volta dos ombros robustos, Atena lança a *égide* franjada, e em torno da cabeça dele, nuvem dourada a divina dentre as deusas cingiu, e dele, fazia brilhar uma chama toda brilhante.

No Canto XXI, tendo Aquiles voltado para a guerra, Zeus libera os deuses a participar dela, tomando o partido de quem melhor lhes aprouvesse. Os deuses lutam entre si. Ares increpa Atena por ter instigado, anteriormente, Diomedes a feri-lo (*Ilíada*, V), jogando, em seguida, a lança, que atinge a égide sustentada por Atena: “ὡς εἰπὼν οὔτησε κατ’ αἰγίδα θυσσανόεσσαν σμερδαλέην, ἦν οὐδὲ Διὸς δάμνησι κεραυνός· (Il., XXI, 400-401): Assim falando, bateu contra a *égide* franjada, assombrosa, que nem o raio de Zeus submete”.

No Canto XXIV, Aquiles, ainda muito triste pela morte de Pátrocles, ultraja o corpo de Heitor, arrastando-o em volta do túmulo do amigo. Apolo, a fim de proteger o corpo para que não estragasse, cobre-o com a égide:

[...] τοῖο δ’ Ἀπόλλων  
 πᾶσαν ἀεικείην ἄπεχε χροῖ φῶτ’ ἐλεαίρων  
 καὶ τεθνηότα περ· περὶ δ’ αἰγίδι πάντα κάλυπτε  
 χρυσεῖη, ἵνα μὴ μιν ἀποδρύφοι ἔλκυστάζων  
 (Il., XXIV, 18-21).

[...] mas Apolo compadecido do homem, afastava todo o ultraje em torno do cadáver; com a égide dourada cobria-o todo, de modo que, arrastando-o, não o dilacerasse.

Esse episódio coroa o que foi dito acima a respeito da presença constante da égide na ἀριστεία de Heitor. O corpo do herói ser coberto com o escudo de Zeus denota a imortalidade e a glória imperecível conferidas ao Priamida.

Na *Odisseia*, Canto XXII, há um momento específico em que a égide aparece. Trata-se da chacina dos pretendentes à mão de Penélope, esposa de Odisseu, que retorna de Troia após vinte anos de ausência e encontra seu palácio invadido pelos príncipes da região, os quais vinham dilapidando o seu patrimônio com opulentos banquetes diários. Eles são detidos por Odisseu e seu filho Telêmaco. No auge do morticínio, Atena levanta a égide, fazendo-a brandir e causando terror a todos:

δὴ τότε Ἀθηναίη φθισίμβροτον αἰγίδ’ ἀνέσχευ  
 ὑψόθεν ἐξ ὀροφῆς· τῶν δὲ φρένες ἐπτοίηθεν  
 (Od., XXII, versos 297-98).

Assim, Atena levantou a *égide*, que destrói os mortais, do alto do teto; os corações deles terrificaram-se.

No poema de Hesíodo, *O Escudo*, há três momentos em que a égide é referida, todos em um contexto de guerra. O poema trata desde o nascimento de Hércules ao episódio da morte de Cicno. Filho de Ares e Pelopia, filha de Pélias, Cicno matava todos os transeuntes que iam ao Oráculo de Delfos e oferecia os despojos ao pai. Em combate,

Héracles tira-lhe a vida, e Ares tenta vingar o filho. Mas Atena intercede, desviando o dardo lançado, que vai se cravar na coxa do próprio deus, indo ele de volta para o Olimpo. Antes do confronto com Cicno, são descritas as armas de Héracles, dentre as quais está o escudo, fabricado por Hefestos.

A primeira referência à égide que aparece, é uma das cenas gravadas no escudo de Héracles. Trata-se da Centauromaquia, a luta entre os Lápitais e os Centauros. Atena aparece armada, portando a égide, como se quisesse armar a batalha:

Ἐν δὲ Διὸς θυγάτηρ ἀγγελίη Τριτογένεια,  
τῆι ἰκέλη ὡς εἶ τε μάχην ἐθέλουσα κορύσσειν,  
ἔγχος ἔχουσ' ἐν χειρὶ χρυσέην τε τρυφάλειαν  
αἰγίδα τ' ἄμφ' ὤμοις· ἐπὶ δ' ὤιχετο φύλοπιν αἰνὴν  
(O *Escudo*, 197-200).

Lá, a filha de Zeus, Tritogênia, condutora de espólio. Semelhante àquela, como se querendo armar a batalha, sustentando a lança na mão, e o capacete dourado, e em volta dos ombros, a *égide*; e ia em direção ao terrível combate.

A segunda referência é o momento do embate entre Héracles e Cicno. Atena instiga o herói a matá-lo, mas o adverte a deixá-lo lá mesmo, sem suas armas espoliar, visto que não é seu destino fazê-lo. A deusa, então, insufla-lhe ardor, brandindo a égide:

ἐν γὰρ σφιν μένος ἦκε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη  
αἰγίδ' ἀνασσεύσασα· περιστενάχησε δὲ γαῖα  
(O *Escudo*, 343-344).

A deusa de olhos glaucos, Atena, tendo brandido a *égide*, lançou-lhes ardor; a terra gemeu ao redor.

A terceira alusão ao escudo de Zeus ocorre após Héracles matar Cicno. Ares investe contra o herói, e Atena o protege. Coloca-se a sua frente segurando a tenebrosa égide:

αὐτὰρ Ἀθηναίη, κούρη Διὸς αἰγιόχοιο,  
ἀντίη ἦλθεν Ἄρηος ἐρεμνὴν αἰγίδ' ἔχουσα  
(O *Escudo*, 443-444).

Atena, porém, filha de Zeus porta-égide, levantando a tenebrosa *égide*, contra Ares veio.

Na *Eneida*, há três momentos em que a égide aparece. O Livro II narra a destruição de Troia. Neste episódio, Eneias, que acordara no meio da noite quando a cidade já estava em chamas, veste suas armas e segue para lutar contra os aqueus, que, nessa altura, já haviam tomado a cidade. Em dado momento, aparece-lhe sua mãe, Vênus, advertindo-o para se preocupar com seu pai, Anquises, seu filho, lulo, e sua esposa, Creúsa, ao invés de se entregar



a tão grande furor, pois ele havia avistado Helena a se refugiar no templo de Vesta, e, acrescido de impetuoso furor, queria matá-la, mesmo não havendo muito louvor em se matar uma mulher. Vênus lhe diz, no entanto, que, antes de tudo, Troia está sendo destruída pela vontade dos deuses. Limpa-lhe a visão, permitindo-lhe ver as divindades encarniçadas a destruir a cidade. Dentre elas está Minerva, ocupando o alto da cidadela, armada com a égide:

lam summas arces Tritonia, respice, Pallas  
insedit, nimbo effulgens et *Gorgone saeva*.  
Ipse pater Danais animos virisque secundas  
sufficit, ipse deos in Dardana suscitata arma  
(*Eneida*, II, versos 615-18).

Olha, já a Tritônia Palas ocupou a alta cidadela, fulgurante, como nimbo e com a *cruel Górgona*. O próprio pai insufla o ânimo dos Dânaos e as forças propícias, ele próprio levanta os deuses contra as armas Dardânias.

No Livro VIII, Evandro, aliado de Eneias na batalha contra os latinos, passeia com o troiano pelas plagas da futura Roma, e lhe mostra o local onde um deus habita, o qual os árcades, o povo de Evandro, crêem ter visto sacudir a égide. Trata-se de Júpiter sobre o monte Capitolino, onde foi erigido um tempo ao deus por Tarquínio, o Soberbo:

"hoc nemus, hunc" inquit "frondoso vertice collem  
(quis deus incertum est) habitat deus; Arcades ipsum  
credunt se vidisse lovem, cum saepe nigrantem  
*aegida* concuteret dextra nimbosque cieret  
(*Aen.*, VIII, 351-354).

"Este bosque" diz "um deus (qual deus é incerto) esta colina, de vértice frondoso, habita; os Árcades creem se ter visto o próprio Júpiter, quando agitasse a *égide* obscurecente e com a destra, mover os nimbos.

No mesmo Livro, Vênus pede a Vulcano que produza armas para Eneias. Lá, no palácio do deus, são mostrados os ciclopes urânidas fabricando os raios, trovões e relâmpagos para Júpiter, como também um carro para Marte, sobre o qual esse deus inflige a guerra. Do mesmo modo, lá estava a égide do filho de Saturno, sendo polida, para cobrir o peito de Atena quando estivesse em combate:

*aegida*que horrifera, turbatae Palladis arma,  
certatim squamis serpentum auroque polibant  
conexosque anguis ipsamque in pectore divae  
Gorgona desecto vertentem lumina collo  
(*Aen.*, VIII, 435-438).

E a *égide* apavorante, as armas de Palas furiosa, poliam, à porfia, com escamas de serpentes e ouro, as serpentes entrelaçadas e no peito da deusa, a própria Górgona com o pescoço degolado, girando os olhos.

A reunião, no mesmo episódio, das armas de Zeus – o trovão, o relâmpago e o raio – do carro de Marte e da égide usada por Minerva no combate, reitera a ideia do escudo como símbolo da guerra, representando todos os valores que buscam o herói guerreiro, a força física, a coragem, a honra, a glória e a excelência.

As passagens acima elencadas justificam, mais uma vez, a designação de Zeus como o primeiro herói guerreiro, pois evidenciam não só a participação efetiva do deus no combate guerreiro, mas, sobretudo, a sua posição de general da guerra, seja ela travada entre os deuses, seja ela determinada aos homens.

Zeus, aquele que porta a égide, o primeiro herói, assim como outros grandes heróis, a exemplo de Hércules, Aquiles e Eneias, faz a viagem de iniciação nos primeiros anos de vida, a fim de ser nutrido e criado para que, no futuro, cumpra a missão para a qual está destinado, estabelecer a ordem do universo, tornando-se ele mesmo a força mantenedora dessa ordem, garantindo a perenidade do cosmos. Assim, o Cronida foi recebido por Geia na ilha de Creta, e aos cuidados dela cresceu, na montanha da Cabra, é o que nos relata a *Teogonia*. A missão de Zeus vai além de fazer Cronos pagar as Erínias de seu pai Uranos, por ter derramado sangue paterno, e por engolir os filhos tão logo eles nascessem. Ele é o ser destinado a estabelecer a ordem, pois ele próprio é a essência do Destino, essa força que é maior até mesmo que os deuses.

## Referências

### Documentação textual

- CALLIMAQUE. Hymne a Zeus. In: CALLIMAQUE. *Les origines - réponses aux telchines - élégies - épigrammes - iambes et pièces lyriques - hécalé - hymnes*. Texte établi et traduit par E. Cahen. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- HESIOD. *The Homeric Hymns and Homerica*. Translated by Hugh G. Evelyn-White. London: Loeb Classical Library, 2002.
- HESIOD. Shield of Heraclés. In: HOMERIC HYMNS EPIC CYCLE HOMERICA. Translated by Hugh G. Evelyn-White. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- HOMER. *Iliad*. Translated by A. T. Murray. London: Harvard University Press, 2003.
- HOMÈRE. *Hymnes*. Texte établi et traduit par J. Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1936.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- HOMERO. *Odyssey*. Translated by A. T. Murray. London: Harvard University Press, 2002.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de C. A. Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HYGIN. *L'Astronomie*. Texte établi et traduit par A. L. Boeuffle. Paris: Les Belles Lettres, 2002.  
liber II, 13,4.

VIRGILE. *Énéide*. Édition bilingue, traduction du latin de A. Bellessort, texte établi par H. Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1952. v. 2.

VIRGILE. *Énéide*. Texte établi et traduit par J. Perret. Paris: Les Belles Lettres, 2006. t. I, II, III.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de T. O. Spalding. São Paulo: Cultrix, 2002.